

---

# O SENTIMENTO INVISÍVEL DO SUJEITO DIASPÓRICO: O IMIGRANTE NO CONTO “GRINGUINHO”, DE SAMUEL RAWET

## THE INVISIBLE FEELING OF THE DIASPORIC SUBJECT: THE IMMIGRANT IN THE STORY “GRINGUINHO”, BY SAMUEL RAWET

**Regilane Barbosa Maceno**  
regilane.maceno@hotmail.com

Doutora em Literatura (UnB); Mestra em Letras (UESPI); Especialista em Estudos Literários (UESPI); Graduada em Letras-Português (UFPI); Tutora do Curso de Pós-Graduação em Literatura e Ensino-UEMANET; Professora na Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras-MA; Professora da Rede Municipal de Ensino de Codó-MA. Pesquisadora do Grupo Mayombe da UnB, do Projeto de Pesquisa Rede Nordeste-UFPB e do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-UESPI.

### RESUMO

Os processos migratórios, intensificados nos últimos anos, acabam provocando certa fragilidade identitária no imigrante, pois lhe é exigido constantemente uma negociação permanente entre sua cultura autóctone e a nova cultura em que está inserido. Nesse hibridismo, embora muito se tenha a ganhar, o imigrante vê-se num momento totalmente instável, de perda de identidade. É nesse momento de transformações, moldadas no “liquidificador modernizante do ocidente”, na metáfora do mosaico, que a literatura aparece como um portal que permite lidar com a história desses espaços, desse novo sujeito. Sob esse viés, o estudo pretende analisar o conto “Gringuinho”, de Samuel Rawet, buscando observar como é descrito o sentimento de pertencimento do imigrante no novo país e o impacto da mudança em sua identidade cultural. Para tanto, buscamos ancoragem nos pressupostos teóricos de Stuart Hall, Renato Ortiz, Chiara Pusseti entre outros autores de relevância para o estudo.

**Palavras-chave:** imigração; identidade cultural; Literatura; Samuel Rawet.

### ABSTRACT

*The migratory processes, intensified in recent years, end up causing a certain identity fragility in the immigrant, because he is constantly required to carry out a permanent negotiation between his autochthonous culture and the new culture in which he is inserted. In this hybridity, although much is to be gained, the immigrant finds himself in a totally unstable moment, of identity loss. It is in this moment of transformation, shaped by the “modernizing blender of the West”, in the metaphor of the mosaic, that literature appears as a gateway that allows dealing with the history of these spaces, of this new subject. From this point of view, this study aims to analyze the short story “Gringuinho”, by Samuel Rawet, seeking to observe how the immigrant’s feeling of belonging in the new country and the impact of the change in their cultural identity is described. To do so, we seek anchoring in the theoretical assumptions of Stuart Hall, Renato Ortiz, Chiara Pusseti and other relevant authors for the study.*

**Keywords:** immigration; cultural identity; Literature; Samuel Rawet.

No último quartel do século 20, a concepção de identidade foi profundamente afetada pelas transformações ocorridas no campo cultural e social, pela experiência do descentramento operante tanto no âmbito da configuração do sujeito, efeito da fragmentação da identidade, como também pelo descentramento geográfico, facilitado pelo desenvolvimento tecnológico e cultural, favorecido pelas tendências do multiculturalismo intensificadas na década de 1980.

Esse cenário, iluminado pelos teóricos dos Estudos Culturais, possibilitou que fronteiras fossem dissolvidas, promovendo uma interpenetração dos discursos, bem como a desarticulação das estruturas binárias excludentes que alicerçavam a hegemonia cultural enraizada na sociedade colonial.

Para Hall (2006, p. 10), o conceito de identidade sofre modificações: não se aceita mais que ela seja fixa e homogênea, como o sujeito do Iluminismo, “um indivíduo totalmente centrado, unificado”, nem, tampouco, reflexo da crescente complexidade do mundo moderno, ou seja, um sujeito que “não era autônomo”, formado a partir da relação com o outro, como o sujeito sociológico.

Nesse sentido, a identidade subjetiva, que antes estava ligada à identidade nacional, passa por um processo de *desterritorialização*, desarticulando-se e permitindo o surgimento de novas identidades que passam a ser cambiantes e estão num permanente e intenso trânsito. Esse processo de desterritorialização se realiza na mobilidade provocada pela globalização que, em virtude do avanço tecnológico, intensificou a aceleração e a relativização das noções espaço-temporais dos indivíduos.

Hall (2009, p. 108) entende que a identidade não possui uma essência, um núcleo estável. Para ele, a história, os conflitos e as diferenças produzem identidades que estão sempre em trânsito: “essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas”. Corroborando a ideia, Tomaz Tadeu da Silva diz que a identidade

não é uma essência, não é fixa, não é homogênea; é instável, contraditória, fragmentada; está sempre em construção, está ligada a estruturas discursiva e narrativa, está ligada à sistema de representação e tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2009, p. 96-97)

Já Ortiz (2006, p. 8) afirma que “não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos”. Tanto para Hall como para Tomaz Tadeu da Silva, bem como para Renato Ortiz, a identidade não é estática, mas está sempre em trânsito, interagindo com os acontecimentos, sujeita às vicissitudes da história.

Em *Memória e identidade* (2012), Joël Candau, professor de antropologia, também fala sobre a construção da identidade. Para ele,

as identidades não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente disponível de “traços culturais” - vinculações primordiais-, mas são produzidas e se modificam no quadro das relações e interações socio-situacionais- situações, contextos, circunstância- de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de ‘visões de mundo’ identitária ou étnica (CANDAU, 2012, p. 27).

É ponto pacífico entre os autores retrocitados que a identidade tem sido abalada dentro da efervescência contextual em que o mundo vive. Assim, ao discutir sobre a questão da identidade cultural na contemporaneidade, dificilmente poderemos fugir da complexidade identitária do sujeito hifenizado que ocupa o terceiro espaço. Sujeito hifenizado” ou “identidade hifenizada” refere-se à ‘crise identitária’ em que vive o homem na Pós-Modernidade, como explica o teórico Homi Bhabha:

Nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do ‘presente’, para as quais não parece haver nome próprio, além do atual e controvérsido deslizamento do prefixo ‘pós’: pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-feminismo [...] (BHABHA, 2013, p. 19).

Esse processo de fragmentação se dá também na figura do imigrante, que vê arrancados todos os referenciais que o constituem como sujeito social. Um contato com diferentes estruturas culturais, muitas vezes marcadas pela violência, mesmo que seja a violência simbólica.

Como a história registra, a trajetória da humanidade é atravessada pelos êxodos, forçados ou não. Essas mobilidades fazem parte da essência humana desde quando os indivíduos se agruparam em sociedade. Nesse sentido, elas também são vetores de transformação das relações dos sujeitos com os outros e consigo mesmos, legando à memória um papel importante de (re)juntar identidades e histórias recolhidas nos rastros resíduos, na concepção de Glissant (2005), que emergem entre os recortes dos atos de lembrar desses indivíduos. Essas transformações são responsáveis também pelo abalo da ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados à sociedade.

Os processos migratórios, diaspóricos, intensificados nos últimos anos em escala global, acabam provocando certa fragilidade identitária no imigrante, pois lhe é exigido constantemente uma negociação permanente entre sua cultura autóctone e a nova cultura em que está inserido. Nesse hibridismo, embora muito se tenha a ganhar, o imigrante vê-se num momento totalmente instável, de perda de identidade.

É nesse momento de transformações, moldadas no “liquidificador modernizante do ocidente”, na metáfora do mosaico, que a literatura aparece como um portal que permite lidar com a história desses espaços, do novo sujeito que será engendrado aqui. Desse modo, este estudo pretende analisar o conto “Gringuinho”, de Samuel Rawet, buscando observar como é descrito o sentimento de pertencimento do imigrante, representado pelo personagem principal do conto, no novo país e o impacto da mudança em sua identidade cultural.

O autor do texto aqui analisado, Samuel Rawet, nasceu na Polônia, em Klimow, no ano de 1931, numa tradicional família judia. Com sete anos, vem para o Brasil com a mãe e os irmãos para reencontrar o pai, que viera anos antes em busca de melhores condições econômicas. É na zona norte, no subúrbio do Rio de Janeiro, que Samuel Rawet e seus familiares passam a morar. Esse cenário também será constantemente recriado na vasta obra literária rawetiana - que inclui contos, ensaios, peças teatrais, etc. - assim como o repúdio à condição subalterna dos imigrantes, notadamente, o judeu.

Com formação acadêmica em Engenharia de cálculo de concreto armado, integrou a equipe de Oscar Niemeyer na construção da nova capital do país, Brasília, e em outros projetos, inclusive fora do Brasil. Seus últimos anos de vida são marcados por um longo processo de isolamento e demência mental, que culminou em sua morte na casa onde morava - Sobradinho - DF -, em 1984, fora da cidade que ajudou a fazer.

Assim como Samuel Rawet e sua família, muitos russos, poloneses e alemães integraram o fluxo migratório do primeiro quartel do século XX no Brasil. Além de ter de abandonar um mundo conhecido, em que dominavam os códigos culturais de expressão, esses imigrantes, com variadas razões para sua condição, chegaram a um mundo não controlável, um novo país. Mesmo tendo consciência de que é uma vida nova a ser forjada, suas identidades são fragilizadas no confronto com as novas relações sociais que precisam ser estabelecidas no país de acolhimento. Esse processo doloroso de adaptação para o imigrante é algo marcante na obra de Samuel Rawet, sobretudo nos contos presentes no livro *Contos do imigrante*, de 1956, dentre eles o conto “Gringuinho”, foco desse estudo.

O conto “Gringuinho” foi publicado, originalmente, em fevereiro de 1953, no suplemento literário do Diário de Notícias, no Rio de Janeiro e republicado no primeiro de muitos livros que o autor publicaria. Muito aclamado pela crítica, o conto ainda foi incluído em antologias de destaque como *O conto brasileiro contemporâneo* (1975), organizada por Alfredo Bosi, e *Os cem melhores contos brasileiros do século* (2000), organizada por Italo Moriconi.

A narrativa tem início com um menino, imigrante judeu, adentrando sua casa, chorando, temendo ser punido pela mãe por, naquele dia, ter agredido sua professora na escola, após ter sido castigado por ela com uma régua. O leitor é informado de que esse tratamento de insultos e exclusão é corriqueiro na vida do personagem no ambiente escolar, onde os colegas não fazem questão de serem agradáveis ao garoto, nem mesmo a professora:

Chorava. Não propriamente o medo da surra em perspectiva, apesar de roto o uniforme. Nem para isso teve tempo a mãe. Quando muito uns berros em meio à rotina. Tiraria a roupa; a outra, suja, encontraria no fundo do armário, para a vadiagem. Ao dobrar a esquina tinha certeza de que nada faria hoje. Os pés, como facas alternadas, cortavam o barro pós-chuva. A mangueira do terreno baldio onde caçavam gafanhotos, ou jogavam bola, tinha pendente a corda do balanço improvisado. Reconheceu. Fora sua e restara da forte embalagem que os seus trouxeram (RAWET, 1998, p. 253).

O personagem, como se observa, não chorava por medo de um castigo, mas por uma sobrecarga de sentimentos contraditórios instalada por sua condição de imigrante, indicada pela corda no balanço que “fora sua e restara da forte embalagem que os seus trouxeram”. É por meio dos pensamentos e das emoções do personagem que o leitor compreende os conflitos que assolam o menino e que Samuel Rawet quer explicitar.

Em sua *Introdução a uma poética da diversidade* (2005, p. 17), Édouard Glissant classifica o (i) migrante em três tipos: o “migrante armado” ou o fundador; o “migrante familiar”, aquele que se fixa com seus costumes, histórias e fotografias e o “migrante nu” ou os escravos, arrancados de suas vidas, famílias, lares, pátrias, que

é a mais dolorosa e traumática forma de imigração. Ao ser transportado, sequestrado, ‘o migrante nu’ era colocado no navio negreiro separado do seu povo, falantes da mesma língua, assim, “o ser se encontrava despojado de toda espécie de elementos de sua vida cotidiana, mas também, e sobretudo, de sua língua (GLISSANT, 2005, p. 19)

Nessa concepção de (i) migrante glissantiana, o personagem do conto em estudo seria o “migrante familiar”, uma vez que seu contexto de chegada está fixado na ideia de construir uma nova vida com seus familiares no país. Entretanto, ele também assume características do “migrante nu”, pois está deslocado da sua própria história, com sua identidade cultural fragilizada, ancorando-se apenas nos “rastros resíduos” das lembranças e, em função disso tudo, sofre. A impossibilidade de ubiquidade desse sujeito traz, como consequência, o não pertencimento a nenhum desses lugares.

No artigo “Transmissão cultural entre pais e filhos: uma das chaves do processo de imigração”, as psicólogas Ivy Daure e Odile Reveyrand-Coulon, apoiando-se em Grinberg e Grinberg (1986), descrevem o movimento migratório em três etapas:

- A decisão de imigrar, com o anúncio da viagem aos familiares e aos amigos, os projetos associados à imigração e a tonalidade emocional em torno da imigração.
- A viagem imigratória em termos de passagem entre os dois mundos, as emoções da

viagem e os eventuais encontros e descobertas.

– A chegada no país de adoção, as emoções despertadas nesses primeiros momentos, as perspectivas, as dificuldades que se apresentam e o contato com os nativos (DAURE; REVEYRAND-COULON, 2009, p. 417).

Na esteira das autoras, todas as etapas reúnem carga simbólica importante, evidenciadas em manifestações comportamentais e emocionais diversas, como as tensões causadas pelo sentimento de ‘não pertencimento’, as queixas de não se situar nem aqui nem lá. Em “Gringuinho”, o protagonista está imerso em um “caos-mundo” intrapessoal que o coloca em suspense, num entre-lugar, atravessado por um isolamento angustiante:

Ninguém na rua. Os outros decerto não voltaram da escola ou já almoçaram. Ninguém percebeu-lhe o choro. [...] A mãe de lenço à cabeça estaria descascando batatas ou moendo carne [...] Nem o rosto enfiara para ver-lhe o ar de pranto e a roupa em desalinho (RAWET, 1998, p. 253).

Esse isolamento que cerca o personagem é decorrente da impossibilidade de participação social enfrentada por ele, engendrada a partir da noção de imprevisibilidade da relação mundial (globalização) que, segundo Glissant, cria e determina a noção de caos-mundo. Engendra-se, no protagonista da narrativa, um bloqueio que torna mais sólidos seus sentimentos de solidão e abandono. Ele não vê interesse de ninguém por sua angústia, nem mesmo na figura da mãe, e repudia tudo. No caso do herói da narrativa, o processo de mudança está sendo doloroso, mesmo que já tenha passado uns meses “era-lhe estranha a sala, quase estranhos, apesar dos meses, os companheiros” (RAWET, 1998, p. 253).

A antropóloga Chiara Pussetti, no texto “Identidades em Crise: imigrantes, emoções e saúde mental em Portugal” pontua que

A sua “não colocação social” torna o imigrante num ser simultaneamente invisível e opaco, porque incomodamente presente, intimidativo enquanto símbolo das margens, do que a sociedade tenta excluir e pretende não ver; é o criminoso, o ilícito, o irregular e, portanto, o bode expiatório de qualquer problema social (PUSSETTI, 2010, p. 97).

Para a autora, essa condição corsária em que o imigrante é posto o obriga a demonstrar, continuamente, sua inocência diante da sociedade de acolhimento, que o vê como intruso. O espaço que ocupa é o da invisibilidade social e moral. Esse peso carregado pelo imigrante atravessa toda a narrativa do conto “Gringuinho”, transformando-o em duas fatias, narradas em anacronias por um narrador onisciente, cuja tônica é expor, em primeiro plano, o turbilhão de sentimento que constitui o personagem.

Ajeitou sobre a cama o uniforme. A lição não a faria. Voltar à mesma escola, sabia impossível também. Por vontade, a nenhuma. Antigamente, antes do navio, tinha seu grupo. Verão, encontrava-se na praça e atravessando o campo alcançavam o riacho, onde nus podiam mergulhar sem medo (RAWET, 1998, p. 254).

Em meio à desolação do presente, um relicário de lembranças do passado. Essa temporalidade fendida marca o conto em estudo e põe o protagonista em dois polos contrastantes: o antes, de felicidade em seu país “antes do navio”, e o agora, de tristeza e solidão no país de acolhimento, em que não consegue ocupar espaço nenhum. O protagonista é colocado numa situação pendular, entre dois tempos: o real e o seu próprio, em um ritmo que o movimenta para frente e para trás, sem poder se fixar.

Essa alternância entre passado e presente é lugar de desconforto para o personagem. Para além disso, a não linearidade narrativa, resultante da descontinuidade temporal acelerada, contribui para intensificar o drama do protagonista, cuja condição de estrangeiro vem com a alcunha de Gringuinho, que dá título ao conto. O apelido pejorativo, usado pelos colegas para insultá-lo, oblitera a presença do que constitui a identidade do sujeito: o nome próprio; e é responsável também pelo despedaçamento do eu, cindindo-o entre o ser-para-si e o ser-para-o-outro.

A vergonha e a humilhação sofridas por quem é estigmatizado podem reverter numa fonte de força e de resistência (GOFFMAN, 1978). O personagem do conto em análise, diante da humilhação e vergonha – “Gringuinho burro” – ensaia uma reação e parte para a violência física: primeiro com o colega Caetano, filho da diáspora africana que rejeita o imigrante e, depois, com a professora que quis castigá-lo com uma régua:

*Ah! É o gringuinho!” [...] Parecia um bicho encolhido, jururu, paralisado... “Fala gringuinho”. Solo. “Fala gringuinho”. Coro. “Fala gringuinho”. Novamente as vozes atrás da carteira. Da outra vez correria como acuado em meio a risos. Recolhido no quarto desabafou no regaço da mãe. [...] Em meio à gritaria (RAWET, 1998, p. 255).*

O que o conto “Gringuinho” traz à cena é a dificuldade e o sofrimento de quem precisa lidar com o preconceito diário que fere sua identidade. No caso do personagem, com a substituição do nome por um apelido. Esse apelido, odiado pelo herói da narrativa, é um lembrete incômodo da condição de inferioridade e menosprezo a que o imigrante é submetido, atuando também como barreira sólida de isolamento e subalternização.

O protagonista se fecha na mudez. E a escola e demais espaços no novo país se convertem em ambientes de tortura e exclusão para ele. O garoto Gruinguinho tem dificuldade com a língua, como se percebe no trecho que segue:

*Nem às figuras se acostumara, nem às histórias estranhas que lia aos saltos. Fala gringuinho. Viera de trás a voz, grossa, de alguém mais velho. Fala gringuinho. Insistia. Ao girar o pescoço na descoberta da fonte fora surpreendido pela a ordem de leitura. Olhou os dentes aguçados insinuando-se no lábio inferior como para escapar. Explicar-lhe? Como? (RAWET, 1998, p. 254).*

A perda da língua impõe ao personagem uma das mais desestruturantes sensações. Ele está sendo excluído pela língua, não consegue se expressar. Isso fomenta seu sentimento de impotência e inferioridade, restando-lhe apenas o recuo: “Mudo curvou a cabeça como gato envergonhado por diabrura. Era-lhe fácil a lágrima” (RAWET, 1998, p. 254).

Percebe-se, pela leitura do conto, que Gringuinho é um sujeito que está em pêndulo em dois mundos, recluso numa prisão invisível, situado à margem, impossibilitado de exercer suas atividades sociais. Esse “Terceiro Espaço”, nos termos de Homi Bhabha (2013), que se estabelece nesse contexto, torna-se lugar de “proliferação subalterna da diferença”, em que todos negociam algum ponto e em alguma medida, onde “as disjunções de tempo, geração, espacialização e disseminação se recusam a ser nitidamente alinhada” (HALL, 2006, p. 85), permanecendo opacas e indistintas e, por isso mesmo, nunca serão imunes às tensões e aos conflitos, ainda que na esfera introspectiva como no conto de Samuel Rawet.

Essa incomunicabilidade latente que toma corpo dentro do texto é o retrato do deslocamento linguístico e social do imigrante que Samuel Rawet se propõe a dizer. Gringuinho, como imigrante, não consegue adentrar na teia da sociedade em que está inserido, pois ela refuta o diferente. Sua solidão e a sensação de abandono e fragilidade são ainda reforçadas na figura do irmão bebê, que mesmo com seu “blá-blá” infantil, consegue estabelecer uma comunicação e o personagem Gringuinho não.

Blá-blá! A poça de urina se principiava a irritá-lo e após esperneios o irmão arrematou em choro arrastado. Agitou o chocalho novamente, com indiferença, olhou a rua. O matraqueado aumentara o choro. Não percebeu a entrada da mãe. Sem olhá-lo recolheu o irmão no embalo. Tirou da gaveta a fralda seca, e entre o ninar e o gesto de troca passou-lhe a descompostura. Insistiu no pedido do armazém. Ele tentou surpreender-lhe o olhar, conquistar a inocência a que tinha direito. Depois gostaria de cair-lhe ao colo, beijá-la e contar tudo, na certeza de que lhe seria dada a razão (RAWET, 1998, p. 255).

Um sofrimento angustiante que paralisa o leitor. O personagem é consumido pela tristeza. A mãe dele também parece sofrer, como evidenciam o fato de ela passar do ninar à descompostura, a falta de paciência e a não percepção do filho.

O conto é construído com frases curtas, aceleradas e com poucos parágrafos, assim como muitos textos de Samuel Rawet, o que proporciona ao texto maior dinâmica, além de força e profundidade a cada acontecimento que é narrado.

Entrecortada por acessos aos pensamentos presentes e passados do protagonista, a narrativa atualiza o que parece ser a tônica da obra de Samuel Rawet: uma sobrecarga de um necessário pensar, de um desespero surdo.

O conto é encerrado de forma vaga, não há um desfecho ou solução para o conflito que vive o personagem ou mesmo perspectiva de resolução, que continua excluído. Constitui-se, por isso, um círculo em aberto, em elaboração, à espera de uma pena qualquer que o feche. Esse final que parece querer continuar metaforiza a esperança do próprio imigrante de um dia encontrar-se consigo mesmo... aqui ou lá.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

DAURE, Ivy; REVEYRAND-COULON Odile. Transmissão cultural entre pais e filhos: uma das chaves do processo de imigração. **Psicologia Clínica**, v. 21, n. 2, Rio de Janeiro 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v21n2/11.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2019.

GLISSANT, Édouard. **Introdução à uma poética da diversidade**. Tradução: Enilce Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro; DP& A, 2006.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PUSSETTI, Chiara. Identidades em crise: imigrantes, emoções e saúde mental em Portugal. **Saúde Soc.** São Paulo, v.19, n.1, p.94-113, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v19n1/08.pdf>. Acesso em 01 jul. 2019.

RAWET, Samuel. **Contos do imigrante**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.